

## A CIDADE EM “AQUELES DOIS”: REVERBERAÇÕES DO DESEJO HOMOERÓTICO MASCULINO EM CAIO FERNANDO ABREU

JOSÉ MARIANO NETO/UFPA/Programa de Pós-Graduação em Letras

As experiências vitais, de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida, são compartilhadas por todos em todo o mundo.

Para Berman (1986), o ambiente de aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor, exclusivo da modernidade e da vida urbana, também ameaça destruir tudo o que temos, sabemos e somos, o que reforça a ideia de provisoriedade.

O presente trabalho objetiva a discussão de aspectos urbanos que colaboram na constituição de espaços reservados à expressão homoerótica masculina, em especial no que se refere ao afeto e ao desejo na relação intersubjetiva entre dois homens.

Ele tem como ponto de partida o conto “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu. A narrativa faz parte do livro *Morangos mofados* (ABREU, 1982), sucesso de público e crítica, que consagrou o autor como um dos mais profícuos representantes dos últimos trinta anos do século passado.

A referência mais literal sobre o contexto em que se passa o enredo é bastante vaga, não contribuindo para a definição precisa nem localização do espaço urbano. Sabemos pelo narrador que os protagonistas, Saul e Raul, vêm, respectivamente, do Sul e do Norte, de algum lugar que também não é especificado: “Naquela cidade todos vinham do Norte, do Sul, do Centro, do Leste – e com isso quero dizer que esse detalhe não os tornaria diferentes” (ABREU, 1995, p. 135).

A representação dessa *cidade imaginária* (NAZÁRIO, 2005) – imaginária exatamente porque é dada apenas a inferência de um espaço urbano que não é desenvolvido plenamente ao longo da narrativa – vai sendo construída e desenhada pelos protagonistas, pelas outras personagens e pelas situações e dramas humanos vividos por todos.

O resultado é um passeio por um possível lugar no mundo em que a configuração e o papel são condicionados à intervenção dos sujeitos cujos ideais são relativizados no e pelo espaço urbano.

A bem dizer, a relativização dos ideais dos protagonistas é completamente limitada pela cidade, no sentido de que as normas que regem a convivialidade impõem restrições às descobertas e aprendizagens. O embate entre subjetividade e realidade desencadeia diversas reações, como a resistência do grupo social (o ambiente de trabalho) e a solidão individual.

O choque entre os protagonistas e a cidade implica possibilidades de novas realizações e encontros e ampliação de horizontes provincianos, mas, também, de falta de identidade e realização dos sujeitos.

O espaço urbano se destina ao apagamento do passado indesejável e à criação de outros modos de vida: a mudança de Saul e Raul para uma grande cidade sugere a fuga da exposição imprimida pela existência em um pequeno lugar.

As imagens associadas à vida em uma metrópole dizem respeito ao afrouxamento de valores culturais e sociais. Evidentemente, isso também é enganoso: as normas, as regras, o espaço da família podem muito bem ser substituídos pela vida normativa da cidade, o que apenas estenderia os limites à experimentação e invenção e à insolúvel insatisfação dos sujeitos (BESSA, 1997; FARIA, 1999).

Uma outra questão que o conto traz para discussão é o das regras que norteiam a vida do trabalho. A manutenção da lei e da ordem, nesse caso, refere-se à capacidade humana sobre a qual a modernidade baseia a produção de bens e serviços na sociedade (ARENDR, 1997).

O mercado de trocas na cidade moderna abre exíguos espaços a outras formas de sociabilidade que não as marcadas pela impessoalidade. Assim é que a amizade, tema principal deste ensaio, como tentativa de redescrevê-la, ilumina seu sentido trivial de complexo emocional ou relacionamento pessoal, para se lançar em uma empreitada mais ampla.

A repartição, descrita no conto, assemelha-se a *um deserto de almas*, do qual os protagonistas são excluídos, afinal “Num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra” (ABREU, 1995, p. 133).

A constatação imediata de que são especiais, e por isso a existência de algo comum que os aproxima, representa uma forma de reconhecimento mútuo no *primeiro segundo do primeiro minuto* em que se viram.

No entanto, o conto sinaliza o impasse daqueles que não sabem dar ainda um nome às emoções, nem tampouco entendê-las, como resposta do preconceito e da discriminação existentes e internalizadas. Acreditamos que o momento em que o conto veio a público e a realidade social (no Brasil de forma muito incipiente) ainda não comportavam uma *tranquila* visibilidade das relações gays.

O repertório homoerótico de ações e sentimentos, digamos, sabido ou imaginado por determinados sujeitos, à revelia ou explicitamente, endereçava os encontros entre homens que gostam de homens e mesmo as afinidades afetivas entre eles à clandestinidade e ao silêncio.

A ilegibilidade e mesmo a falta de legitimidade às expressões dos afetos e das sexualidades homoeróticas se contrapunham à invisibilidade dos sujeitos reforçada pelo fluxo humano nas grandes cidades. A vida secreta do afeto e das práticas eróticas tornava incomunicáveis os canais entre homoerotismo e heterossexualidade (SANTIAGO, 2004, p. 197).

A utopia de uma vida diferente, ou possibilidades de diferenças em que valores, como liberdade e privacidade, fossem respeitados ou absorvidos, se perdeu na cidade. Era preciso buscar outras formas de linguagem, agora codificadas e cifradas, de tal maneira que apenas a determinados grupos elas pudessem ser compreendidas e compartilhadas.

Parece-nos que Saul e Raul percebem claramente que a cidade não é o lugar onde a vida pode se realizar plenamente, em razão da esperança das alternativas de outras formas de existência terem sido banalizadas a e pela cidade.

Os efeitos de empobrecimento das possibilidades de relações na sociedade apontam para o desgaste das instituições nas quais a previsibilidade relacional implica laços muito restritos. O depauperamento das relações humanas evoca também a impossibilidade da troca de experiências significativas capazes de senso prático na modernidade e na cidade, de que fala Benjamin (1985).

A primeira vez em que os protagonistas se viram foi no concurso que fizeram para a mesma empresa. Depois, empregados, eles precisavam ser *discretos*, porque “eram novos na firma e a gente, afinal, nunca sabe onde está pisando” (ABREU, 1995, p. 134).

O narrador contrapõe certa inocência e ignorância dos protagonistas em vista da experiência homoerótica, do mesmo modo que sugere que eles reconhecem o interdito social para as expressões afetivas e eróticas para sujeitos de mesmo sexo.

Tentaram afastar-se quase imediatamente, deliberando limitarem-se a um cotidiano oi, tudo bem ou no máximo, às sextas, um cordial bom-fim-de-semana-então. Mas desde o princípio alguma coisa – fados, astros, sinas, quem saberá? – conspirava contra (ou a favor, por que não?) aqueles dois (ABREU, 1995, p. 134).

A sugestão de necessidade de restauro de uma subjetividade parece indicar a relativização de dados objetivos e concretos do espaço urbano moderno: o questionamento de experiências impositivas e restritivas relacionais denuncia o banimento, na convivialidade cotidiana, do afeto e do desejo nas relações de amizade masculina.

A amizade entre Saul e Raul, revestida de componentes afetivos e eróticos, vai se revelando para ambos e para a Repartição. O narrador relata, com precisão, a descoberta de algo para além da amizade meramente masculina, percebida antes pelos colegas de trabalho do que pelos próprios envolvidos.

Como aventamos, existe a possibilidade de que essa antecipação, pelos outros, do que acontece entre os protagonistas, signifique a existência de interditos que foram introjetados por Saul e Raul, proibindo-os de viver plena e publicamente seu afeto e seu desejo sem culpa e sem medo.

A sociedade tem estratégias muito eficientes para fazer acreditar aos sujeitos sobre os riscos de exclusão se não seguirem estritamente a acomodação a seus ditames. Nesse sentido, a cidade moderna, em vista da diluição subjetiva, representada pelo ambiente de trabalho, revela o enquadramento disciplinar em torno do desejo que, no caso de Saul e Raul, mostra-se singular e ingovernável.

A possibilidade da experiência da amizade homoerótica masculina desencadeia um movimento de segregação urbana, sem perspectiva de transformação. Ao contrário da contemporização ao preconceito e discriminação, os protagonistas investem na criação de um novo direito relacional como forma de validar relações que ainda não têm sanção legal (FOUCAULT, 2004).

Sem terem exatamente consciência disso, quando juntos os dois aprumavam ainda mais o porte e, por assim dizer, quase cintilavam, o bonito de dentro de um estimulando o bonito de dentro do outro e vice-versa. Como se houvesse, entre aqueles dois, uma estranha e secreta harmonia (ABREU, 1995, p. 136).

A experiência da amizade homoerótica é tão exclusiva como marca do sujeito – exclusiva e por isso marginalizada – que se torna impossível, em um primeiro momento, à consciência, por Saul e Raul, da emoção e sentimento que acompanham a relação entre os dois.

A troca de frases entre as mesas, uma ao lado da outra, os encontros à hora do cafezinho, a paixão comum pelo cinema, pelos filmes antigos, a música, enfim, a solidão de cada um – “Eles não tinham ninguém naquela cidade (ABREU, 1995, p. 135) – os aproximava mais e mais.

A falta ao trabalho por um dos protagonista é sentida pelo outro de forma contundente, a ponto de aquele que permanece na Repartição vagar pelos corredores desertos e beber café e fumar mais do que o habitual durante todo o dia.

Como eles não tem amigos na cidade, passam a se encontrar fora do espaço do trabalho, aos fins de semana: vão ao cinema; Saul vai à quitinete onde Raul mora; este, por sua vez, acompanha Saul à pensão.

Comemoram o aniversário de um e de outro, presenteiam-se com objetos queridos: Saul dá a Raul uma reprodução de Vang Gogh que tinha em seu quarto; Raul oferece Carlos Gardel, um sabiá, ao amigo.

Morre a mãe de Raul e este precisa cuidar do funeral, o que o faz ausentar-se do trabalho. Quando retorna, os dois se encontram na quitinete de Raul e abraçam-se fortemente e chegam a acariciar-se: “A mão de Saul tocava a barba de Raul, que passava os dedos pelos caracóis miúdos do cabelo do outro”(ABREU, 1995, p. 140).

Festejam a passagem do primeiro *réveillon* juntos na cidade; presenteiam-se novamente e brindam, com champanhe, à amizade. Embebedam-se e dormem nus, um na cama e outro no sofá.

A Repartição se revolta à medida que descobre a paixão homoerótica dos dois protagonistas. O narrador coloca o leitor sob a perspectiva do casal, arremessando o incômodo e a inconformação do ambiente de trabalho para o pano de fundo da história; o leitor (também os protagonistas) apenas entrevê que o andamento das situações está ficando cada vez mais tenso.

A amizade de Saul e Raul choca-se com a concepção prescritiva dos esquemas relacionais homofraternais e falologocêntricos (DERRIDA, 2003), porque ultrapassa-lhes, ao instaurar uma possibilidade de utilizar o espaço aberto pela perda de vínculos orgânicos, de experimentar uma outra forma de vida possível.

O processo de reabilitação da amizade consiste também em buscar uma estilística da existência que não exclui o erotismo nem a sexualidade. No entanto, da maneira como a realidade é configurada pela cidade, e mais circunscritamente, pelo ambiente de trabalho, essa prática é condenada à marginalidade em vista de sua resistência aos sistemas e valores que pertencem às relações reguladas (FOUCAULT, 2004).

Os protagonistas parecem *passar muito bem* sem os relacionamentos orgânicos impostos pela vida moderna e urbana, que submetem os sujeitos a vinculações como a religião, a família, o trabalho e a comunidade, como modo de garantir alguma forma de coesão identitária.

A sociedade individualizada, de que são representantes, permite a produção autônoma de relações íntimas com as pessoas mais diferentes e nos âmbitos de interesse mais díspares.

A amizade homoerótica de Saul e Raul oferece uma ocasião histórica de possibilitar a existência de relações e sentimentos e novas formas de existência.

Para Foucault (1994), o homoerotismo se encontra em uma posição transversal que permite a inscrição de diagonais no tecido social, favorecendo a liberação do desejo e a procura da própria identidade em consonância com o afeto, o que o distancia do modelo heteronormativo.

A intensificação da experimentação da amizade entre os dois os afasta dos demais. Para Ortega (2000), a amizade prepara o caminho para a criação de formas possíveis de vida, sem prescrever um modo de existência como correto, sem proibição de outros esboços e, principalmente, relativizando a configurabilidade individual que, fica, assim, à mercê da vontade de renovação, de criação e experimentação para além de modelos e programas.

É a falta de repertório discursivo que faz Saul e Raul não conseguirem nomear o que sentem um pelo outro; eles são privados de criar uma linguagem própria para o afeto e o desejo que sentem reciprocamente diante dos sentimentos e relacionamentos estabelecidos e institucionalizados.

A linguagem simples e cotidiana parece perfeita à ambientação do conto, que gira em torno da descoberta do afeto e do desejo, da construção da descoberta de si mesmo e do outro, da amizade homoerótica masculina. Da descoberta do afeto recíproco brota a descoberta da própria identidade.

As condições de um momento histórico específico e a urbanização no conto, em muita medida representam novas e possíveis formas de sociabilidade e convivialidade.

O *atento guardião da moral* (ABREU, 1995, p. 145) ao tachar na carta ao patrão de Saul e Raul a relação entre os dois de *anormal e ostensiva, desavergonhada aberração, comportamento doentio e psicologia deformada*, está afirmando uma diferença que não é prevista pela ética da moral vigente heterossexual compulsória.

A cidade, no que toca à permissibilidade e criação de espaços intermediários capazes de fomentar tanto necessidades individuais quanto objetivos coletivos, descumpra com sua função de lugar de liberdade para a experimentação e invenção de novas formas de vida e de comunidade.

Os protagonistas são obrigados a inventarem um novo espaço de convivência dentro da cidade, fora do quadro da previsibilidade relacional heteronormativa. Em presença da despolitização e esvaziamento do espaço público próprio da dinâmica da modernidade, eles deliberam pela amizade como “fenômeno público que precisa do mundo e da visibilidade dos assuntos humanos para florescer” (ORTEGA, 2002, p. 161).

A escolha pelo espaço da amizade como lugar do mundo compartilhado representa escolher a liberdade e o risco de novas experimentações sociais e culturais que reinventem e promovam a variedade e a multiplicidade de escolhas; significa também reinventar o político no qual as pessoas possam se misturar e viver juntas, como uma segunda opção ou alternativa ao instituído.

Supor que o afeto e o desejo homoerótico são sempre os mesmos é bastante ingênuo. As relações afetivas são vividas nas particularidades nos desvios do singular. Os afetos homoeróticos não comportam modelos. É na singularidade e na invenção, e não na repetição de fórmulas de amar e eróticas, que eles revelam sua potência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Caio Fernando. *Morangos mofados*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ARENDDT, Hannah. O mercado de trocas. *A condição humana*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BESSA, Marcelo Secron. *Histórias positivas: a literatura desconstruindo a AIDS*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- DERRIDA, Jacques. *Políticas da amizade*. Porto: Campo das Letras, 2003.
- FARIA, Alexandre. *Literatura de subtração: a experiência urbana na literatura contemporânea*. Rio de Janeiro: Papiro, 1999.
- FOUCAULT, Michel. O triunfo social do prazer sexual: uma conversa com Michel Foucault. *Foucault: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- \_\_\_\_\_. *A amizade como modo de vida*. Paris: Gai Pied, 1981. n. 25.

ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade*. Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

ORTEGA, Francisco. *Genealogia da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

NAZÁRIO, Luiz. *A cidade imaginária*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SANTIAGO, Silvano. O homossexual astucioso: primeiras – e necessariamente apressadas – anotações. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.